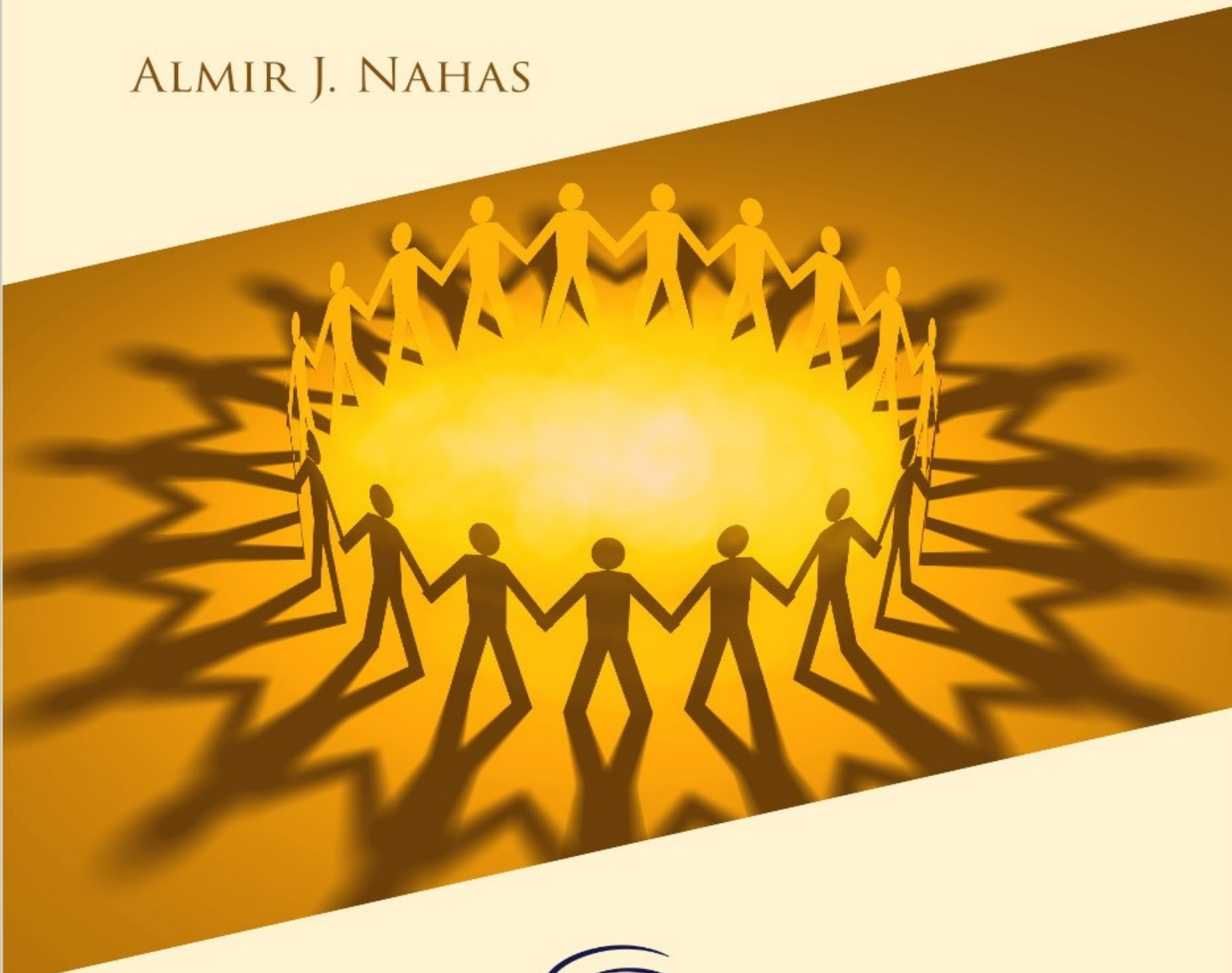


CONSTELAÇÕES FAMILIARES

PERGUNTAS & RESPOSTAS

ALMIR J. NAHAS



INSTITUTO

Olhar Sistêmico

OLHARSISTEMICO.COM.BR

INTRODUÇÃO

Trabalho com Constelações Familiares e Empresariais desde o início dos anos 2.000. Ao longo desse tempo, deixou de ser um assunto praticamente desconhecido, para tornar-se quase um modismo, o que é um perigo! Porém, ainda hoje, pessoas que tem o primeiro contato com as Constelações Familiares fazem basicamente as mesmas perguntas. Isso me motivou a abrir um espaço em minhas páginas na Internet, para responder a perguntas dos interessados. Diversos alunos, clientes e colegas - coaches, consultores e facilitadores de Constelação - começaram a comentar, compartilhar e curtir as respostas. Decidi então reunir aqui neste pequeno volume as perguntas recorrentes e as respostas que costumo dar.

Falar sobre Constelações não é a maneira mais fácil de explicar do que se trata. Nada substitui a vivência, a partir da qual fica mais fácil falar alguma coisa que facilite a gradativa assimilação do olhar sistêmico. O olhar que consegue captar, de maneira tão essencial e profunda, os movimentos coletivos da vida. Mas as perguntas aparecem, e é preciso encontrar uma maneira de responder. Tento sempre ser o mais simples e objetivo possível, e ao mesmo tempo, sei que estou passando adiante, o meu entendimento e a minha abordagem sobre as Constelações Familiares. Não tenho a pretensão de esgotar o assunto, nem de ter as melhores respostas. Mas se ao ler estas páginas você se interessar em saber mais sobre Bert Hellinger, Constelações Familiares e sobre sua aplicação na resolução de conflitos interpessoais, na cura de traumas, nas questões empresariais, no direito, na educação, na saúde... então, este trabalho estará servindo a seu propósito. Se ao ler as respostas você tiver outras perguntas, fique à vontade para encaminhá-las (veja meus contatos no final. Grato por seu interesse!

Então, chega de prosa, e vamos direto ao ponto. Seguem as perguntas e respostas!

Almir Nahas

Constelação é uma terapia, uma ferramenta ou uma técnica?

A Constelação Familiar pode ser classificada como uma terapia familiar, e ainda ser definida também como uma terapia breve. Os psicoterapeutas podem chamar de um recurso terapêutico. Afinal, o alemão Bert Hellinger, a pessoa que sistematizou o modelo das Constelações, é um terapeuta e estudou diversas linhas terapêuticas antes de chegar ao que passou a se chamar de Constelações Sistêmicas ou Familiares. Mas essa é apenas uma definição, que considero até muito simplista, mas que é válida, pois uma terapia pressupõe algum resultado terapêutico para alguém que busca uma cura emocional ou psíquica. A Constelação Familiar, porém, não é apenas isso.

Como um modelo capaz de ampliar a visão da pessoa sobre seu contexto familiar e como ele exerce influência sobre suas escolhas, ou como proposta de uma nova visão sobre a vida de modo amplo e profundo, as Constelações proporcionam autoconhecimento, amor próprio, auto confiança e outros benefícios que não estão necessariamente ligados a um problema pessoal a ser resolvido. As pessoas geralmente recorrem às Constelações buscando solução para questões pessoais, e muitos acabam se encontrando com uma nova filosofia de vida. Atualmente, Bert Hellinger classifica Constelação como uma ciência. Também costumo explicar o que Constelação Familiar não é, para não deixar dúvidas. Não é uma religião, não é um modelo místico nem sobrenatural. Não é um tipo de oráculo nem um derivado da astrologia, nem um tipo de jogo ou de encenação.

Ouvi dizer que, segundo as Constelações, existem alguns princípios que são comuns a todos os sistemas familiares ou organizacionais, independente da história da família ou da empresa. É assim mesmo? Quais são esses princípios? Por que isso é assim?

O que sempre norteou o trabalho das Constelações foi a observação, muito mais que a teoria. Todos os conceitos e princípios ensinados aos facilitadores de Constelações nascem da observação. E como facilitadores treinados por professores consistentes e alinhados com a visão original de Bert Hellinger, somos incentivados a observar, com atenção e profundidade, aquilo que se mostra em cada constelação. Cada experiência é única, mas existem alguns aspectos essenciais que se repetem em outras constelações. O que Bert Hellinger observou que existe em comum a todos os sistemas, chamou de Leis Sistêmicas ou Ordens do Amor. São princípios básicos, que explicam muito dos emaranhamentos, dificuldades, padrões de comportamento que diferentes pessoas trazem como questões para serem tratadas numa constelação. Essas Ordens são as seguintes:

1. Pertencimento (todos tem direito a um lugar em seu sistema familiar)
2. Hierarquia (os que nascem antes tem precedência sobre os mais novos, as gerações anteriores sobre as que as sucedem), e
3. Equilíbrio de Troca (Dar e o Receber), um movimento natural que conduz à prosperidade, leveza e harmonia ou à sobrecarga, bloqueios e conflitos num sistema.

Quando uma pessoa nos traz uma questão para fazer uma Constelação, seja individual ou em grupo, o primeiro olhar do facilitador é para essas três ordens, onde normalmente encontramos um fio condutor para tratar a questão. As exclusões, a inversão da hierarquia e o desequilíbrio entre o dar e o receber estão na raiz dos temas que o ser humano carrega às vezes por muito tempo, como um peso extra gerado por uma desordem inconsciente. Com as Constelações, esse peso pode ser liberado e a vida pode fluir mais facilmente.

Dentro da visão sistêmica o que precisa ser olhado em um processo de sucessão familiar, para que se tenha êxito?

Algumas informações precisam ser obtidas previamente, para definir com precisão o que precisa ser olhado e que permita investigar o que favorece e o que pode trazer algum obstáculo para o êxito. Quem fundou a empresa? De onde veio o dinheiro para criar a empresa? Como a transição foi ou está sendo feita? Quantos são os sucessores? Quem está à frente da empresa atualmente? Existem sócios?

Para a constelação de uma empresa é necessário, boa parte das vezes, conhecer um pouco mais da história, dos movimentos realizados ao longo dessa história, para se chegar com objetividade à questão a ser trabalhada. O êxito envolve uma gama de aspectos que pode levar a olhar para os funcionários, os clientes, o passado da empresa, os objetivos dos fundadores, por exemplo. E passa primeiramente para questões pessoais. Como o empresário olha para a sua vida e para sua própria origem familiar?

É relativamente comum que empreendedores nos procurem com questões voltadas para o negócio, e seja identificada, como pano de fundo, alguma questão pessoal que também precisa ser olhada e devidamente trabalhada. Nem sempre é assim, porém. Cada caso é um caso. Mas as empresas familiares especialmente, que nascem dentro das famílias, costumam espelhar, especialmente em processos de sucessão, as dinâmicas familiares que tocam a todos os envolvidos.

O que é a Pedagogia Sistêmica?

A Pedagogia Sistêmica, como foi chamada nos primeiros tempos, hoje é chamada de Educação Sistêmica. Porque não é, de fato, um modelo pedagógico, mas é um Olhar Sistêmico para a Educação, que contribui enormemente para todos os modelos pedagógicos. Educação Sistêmica é a aplicação dos princípios das Constelações no sistema da Escola, com o objetivo de favorecer o cumprimento da missão essencial da escola: educar. Não se trata de levar as Constelações Sistêmicas para dentro da sala de aula, mas de inserir o Olhar, a Visão, a filosofia sistêmica na vida escolar em todos os seus aspectos. A Educação Sistêmica respeita a escola como um ambiente de aprendizado, e não a transforma em ambiente terapêutico. O que Hellinger chamou de "Leis" ou Ordens" que atuam sobre todos os sistemas - famílias, escolas, empresas, cidades, etc. - estão na essência da Educação Sistêmica: 1. O direito de pertencer (Exemplo: muitas escolas, muitos educadores, excluem os pais da criança e se julgam melhores que os pais; consciente ou inconscientemente, buscam ocupar o lugar dos pais. E isso, na visão sistêmica, é um erro.); 2. A hierarquia - no sistema de ensino, na estrutura organizacional da escola, na sala de aula... e 3. O equilíbrio de troca (Dar e Receber). As mesmas ordens que atuam nas famílias, atuam também na escola, e a Visão Sistêmica pode ser de grande utilidade em diversos níveis e ambientes, na riqueza e complexidade da vida escolar. Nos trabalhos de Mariane Franke residem as iniciativas pioneiras de se lançar o olhar sistêmico no ambiente educacional. A experiência institucional mais antiga e mais conhecida é de uma escola mexicana, a Cudec, que desde o início da vida escolar até o ensino superior, adota os princípios da Educação Sistêmica, um conhecimento que evolui constantemente. No Brasil, um número cada vez maior de educadores tem feito a formação em Constelações Familiares e a formação específica em Educação Sistêmica. Essencialmente, a educação sistêmica avança cada vez que um educador ou um trabalhador inserido no sistema educacional é tocado pela visão sistêmica e absorve seus fundamentos. Um professor com o olhar sistêmico, em seu íntimo e em sua prática, nunca se coloca acima dos pais do aluno, por exemplo. E assumir esse olhar, por si só, já pode requerer um intenso trabalho pessoal para o educador. Já existem formações específicas em Educação Sistêmica.

As Constelações podem abordar todo tipo de questão? Tenho ouvido falar em Direito Sistêmico. Isso também tem a ver com Constelação?

Para que seja possível realizar uma Constelação, é necessário que o cliente tenha uma questão legítima, um assunto que se mostre realmente relevante para o momento atual da vida do cliente. Algum desconforto, alguma dificuldade, alguma dor ou trauma, algum contexto que se revele como um obstáculo, por exemplo. Algum conflito que esteja explícito ou latente, alguma queixa. Essas questões podem ter a ver com a família de origem (pai, mãe, irmãos, avós) com filhos ou relacionamentos afetivos, profissão, dinheiro, fracassos, dilemas... muitas podem ser as questões. E depois de algum tempo que Bert Hellinger estava trabalhando e desenvolvendo as Constelações Familiares, começaram a surgir questões ligadas a casais com dificuldades de se sustentar, empresas familiares, litígios entre nações e outras questões que extrapolavam o contexto de conflitos ou ressentimentos familiares.

De alguns poucos anos para cá começaram a surgir as primeiras experiências de aplicação das Constelações no âmbito do Poder Judiciário. Sabia-se de algumas vivências e experiências ocorridas na Itália, mas foi aqui mesmo no Brasil que o Direito Sistêmico começou a se destacar e chamar a atenção de servidores do próprio Judiciário e da mídia. Um juiz de uma vara da Família no interior da Bahia, Dr. Sami Storch, constelador, começou a fazer palestras para casais em processo litigioso de separação, explicando a visão sistêmica das relações familiares e as ordens do amor descobertas por Bert Hellinger. Rapidamente um número significativo de separações litigiosas começaram a ser revertidas para consensuais. Hoje, na maioria dos tribunais e Escolas de Magistratura do Brasil, cresce o número de juizes, mediadores, conciliadores, psicólogos forenses e outros servidores que estão estudando e aplicando as Constelações. Tive oportunidade de ministrar, ao lado do Dr. Sami e da professora Gianeh Borges, um Curso de Introdução às Constelações no Tribunal de Justiça do Mato Grosso, em 2016, que teve uma excelente receptividade. Em outras localidades também tenho mantido contato com advogados e outros agentes do Judiciário que estão reconhecendo o valor das Constelações no Direito. O depoimento mais significativo ouvi de um juiz, aluno do curso em Cuiabá: “A lei nos ampara para chegarmos a uma sentença. Mas a

sentença raramente traz uma solução. Quando se chega na solução, aquele conflito encontra a paz. A Constelação aponta para a solução, e faz isso de uma maneira muito objetiva e surpreendente.”

O trabalho com Constelações serve para famílias em todos os seus estágios?

Explicando: tem famílias com filhos grandes, já criados, cujos pais têm muitos anos de casados; em outras, os pais têm pouco tempo de casado e os filhos ainda são pequenos... ou seja, são vários estágios, dentro dessa trajetória. A pergunta é: o trabalho de Constelação serve para famílias em qualquer estágio em que estejam?

Uma das imagens mais singelas usadas para descrever o sistema familiar é a comparação da família com um móbile. Todos os membros de um sistema estão ligados por um fio invisível, e a mesma brisa que balança uma peça do móbile balança todas. Filhos adultos, se de fato já cresceram (porque existem crianças de 45, 50 anos por aí) podem não ser tão tocados por uma constelação feita pelos pais, mas não ficam totalmente alheios. Em algum nível, o movimento acontece neles, os filhos adultos. Mas algumas questões não são apenas dos pais, estão presentes na vida de filhos adultos também, como um padrão que se repete através de gerações. Então, se os pais trabalham uma questão, todos podem se beneficiar. E todo o sistema capta, inconscientemente, a brisa da mudança. Pais percebem quando seus filhos mostram que cresceram. Alguns ficam um pouco tristes, outros se alegram. Mas não ficam indiferentes. Resumindo, quando um membro do sistema faz um movimento, vive algo importante, seja uma dor ou uma conquista, todo o sistema é tocado, uns mais e outros menos. São diversos os depoimentos de pessoas que fazem uma constelação e em seguida um parente bem próximo tem alguma atitude que demonstra claramente que a constelação o tocou, mesmo sem que ele saiba sequer da existência das constelações. As Constelações trazem liberdade para o que estava preso, estejam os membros da família presentes ou não. Agora, quando crianças, os filhos captam e são beneficiados de forma mais evidente e direta por um trabalho de Constelação feito pelos pais.

Como a constelação aborda as dificuldades da pessoa seguir um caminho profissional?

Muitas mudanças de carreira e sempre a sensação de se estar fazendo uma coisa que não é o que deveria ou poderia estar realizando. Como se viver uma realidade que não é sua?

Essa questão é ampla. Sem querer adivinhar, lendo e relendo essa pergunta, me vem também uma pergunta. Será que a verdadeira questão é essa, ou existe uma questão por trás dessa, que precisa ser vista e trabalhada? A experiência com Constelações mostra que o êxito tem frequentemente uma relação estreita com a mãe. E menos frequentemente, mas não menos importante, também com o pai. É possível que, ao olhar mais detidamente para este assunto, o caminho da solução tenha que passar por uma plena aceitação da origem familiar. Outros pontos a investigar são relacionados a como a pessoa olha para o trabalho, o dinheiro, e se ela tem diferentes profissões, como olha para cada uma delas. Costumo dizer que o potencial de um ser humano pode ser comparado a um foguete, que tem tudo para ganhar as alturas. E que sua base de lançamento é seu sistema de origem. Pai e mãe e toda a história que aconteceu antes deles. Se o foguete não se apoia na base para se lançar, não pode ir muito longe. E não se trata de explicar os insucessos ou insatisfações pelo que "faltou" na infância ou adolescência. Trata-se de desenvolver um novo olhar para sua origem. Como dizia Milton Erikson "sempre é tempo de se ter uma infância feliz".

Como o pensamento sistêmico pela perspectiva da constelação aborda o aborto?

E quais são os limites e críticas que podem ser feitas e são feitas entre vocês, que pesquisam, refletem e aplicam ao método?

O ponto de partida é sempre a questão que é trazida para a Constelação. Já vi e vivenciei experiências muito diferentes. Homens e/ou mulheres que chegam com uma carga de culpa muito pesada, paralisante. Casamentos que terminaram com a realização de um aborto. Ou uma frieza absoluta, como forma da vida seguir, porque precisa seguir, e o fato quase esquecido daquele aborto refletir num filho que nasceu anos depois. E muitas outras situações. Também já vi pessoas chegando com a hipótese de que um aborto na juventude fosse a causa de suas dificuldades atuais. E a Constelação mostrar outros aspectos, surpreendentes, e não ligados diretamente à hipótese da cliente. Não se trata de discussões sobre limites e críticas, ou mesmo de preceitos morais. Em Constelações nós observamos o que se mostra.

Conceitualmente, um movimento da vida que gerou uma vida que potencialmente não se realizou, precisa ser honrado, reverenciado e incluído. Quando isso é feito sinceramente, a culpa não é mais necessária. Seja uma interrupção involuntária ou um aborto provocado, o olhar do constelador pede distanciamento, não julgamento, para que o fenomenológico possa se mostrar numa Constelação. E isso não se submete a conceitos, dogmas ou ideologias. Também não se trata de ter "opinião" sobre o assunto. Cada caso é um caso, e a observação isenta nos oferece a possibilidade de dar passos na direção da solução. O que é certo é que a concepção é um poderoso movimento da vida, e que um aborto provocado é uma intervenção nesse movimento. E que existe, em algum nível, uma espera por algum tipo de compensação por isso. Mas a extensão e as consequências de um aborto na vida de uma família só pode ser visto caso a caso.

As leis sistêmicas se aplicam em todos os tipos de organizações?

Pelo que posso observar desde que comecei a ter contato com as constelações e as ideias de Bert Hellinger e outros pensadores sistêmicos, as chamadas leis sistêmicas se aplicam a todos os sistemas humanos. Já tive oportunidade de trabalhar diretamente com uma ampla gama de organizações: empresas de grande porte, franquias, micro, pequenas, negócios familiares informais, projetos desenvolvidos individualmente, equipes de vendas, de RH, departamentos, filiais brasileiras de multinacionais, MEIs, ONGs, produtos, marcas, escolas, hospitais, grupos religiosos. Durante minha formação em Constelações Organizacionais, quando tive contato com professores de diversos países e suas experiências, ouvi relatos que apontam na mesma direção. Na resolução de problemas, superação de padrões limitantes ou diante de uma decisão, o olhar sistêmico através das Constelações, a Consultoria Sistêmica e o Coaching Sistêmico tem uma significativa contribuição a dar, a serviço da vida, do êxito e da prosperidade nos grandes e nos pequenos negócios. Afinal, as organizações reúnem pessoas, porém as chamadas leis sistêmicas se mostram, nas empresas, de maneira semelhantes, mas não exatamente igual ao que observamos nas famílias. São as mesmas leis, mas se manifestam de maneiras diferentes. Penso que isso tem a ver com a força dos vínculos. De uma empresa nós podemos entrar e sair, elas são fundadas e podem ser vendidas, fundidas, partidas. Minha família sempre será a mesma, mesmo que meus pais se separem. Em mim, será sempre a mesma.

Quais as diferenças entre as constelações Individuais e em Grupo?

Os princípios e fundamentos do trabalho são os mesmos. Quando estamos em grupo, as pessoas do grupo podem ser chamadas a participar das Constelações como representantes de membros de uma família, a família do cliente, que é a pessoa que veio para fazer uma Constelação. No atendimento individual, são apenas o cliente e o facilitador, que se vale de ferramentas que de certo modo substituem os representantes de um grupo. Desenha-se uma outra forma, com outros recursos, mas essencialmente é o mesmo trabalho. Sem a presença do grupo, podemos utilizar marcações de solo, bonecos ou outros recursos. Os efeitos podem ser igualmente profundos e libertadores. O que se nota é que existem questões e contextos em que o terapeuta percebe que o trabalho em grupo é mais recomendado, e por vezes acontece o contrário. Também pode acontecer do cliente se identificar mais com o trabalho em grupo ou com o trabalho individual. É enriquecedor conhecer as duas formas de trabalho e até mesmo se valer delas para conhecer, na prática, seus efeitos. Pessoas muito tímidas, ou assuntos muito íntimos, por exemplo, podem fazer com que o cliente sinta-se mais à vontade no atendimento individual. Mas isso não é uma regra. O trabalho em grupo pode ser feito sem que o cliente precise expor nada perante o grupo, e seus resultados podem ser igualmente transformadores.

Como é possível alguém representar um parente meu, se a pessoa não sabe meu nome, não conhece minha família, minha história?

Essa foi outra das contribuições importantes das Constelações. Outras terapias sistêmicas já utilizavam membros de um grupo para representar familiares, mas as Constelações passam a fazer isso de maneira diferente de outros métodos, como o psicodrama, por exemplo. Chamamos de “fenomenologia sistêmica” aquilo que se verifica nas constelações como algo que parece “mágico” para quem tem os primeiros contatos com Constelações. Pessoas desconhecidas são colocadas no papel de um familiar e começam a demonstrar atitudes, comportamentos e falas que o cliente reconhece que são típicas daquela pessoa. Esse fenômeno encontra uma das melhores explicações num conceito formulado por um biólogo inglês, chamado Rupert Sheldrake: o conceito do Campo Mórfico, ou Campo Morfogenético. É um tema complexo para abordar exaustivamente, cabe mais num curso de formação em Constelações (que tem cerca de 240 horas/aula). Resumindo, o que acontece é que, junto com o tema da Constelação, o cliente traz consigo uma carga de informações conscientes e inconscientes que se projetam no grupo e são também captadas pelo facilitador. E pessoas vivas ou mortas podem ser representadas com uma fidelidade muitas vezes impressionantes. São incontáveis os relatos e testemunhos nesse sentido.

O que diferencia as Constelações de outras terapias?

Desde os pioneiros, as diferentes linhas terapêuticas estão à serviço do autoconhecimento, da cura e da superação de dificuldades e dores. Comparar é difícil e pode até mesmo ser desrespeitoso e leviano. Prefiro falar das características mais marcantes das Constelações, seus pontos de força. A primeira é o fato de que, nas Constelações, olhamos para a SOLUÇÃO, e não somos fascinados pelo problema. Por isso o trabalho torna-se agudo e muito objetivo, e para uma questão normalmente realizamos uma e uma só Constelação. A segunda característica marcante é o entendimento do indivíduo como uma manifestação isolada da vida é muito limitante. Somos parte de um sistema, e nosso lugar e a forma como ocupamos nosso lugar afeta a todos e recebe as influências, conscientes e inconscientes, de todos os membros do sistema. Terceiro, o terapeuta de constelações é apenas um ajudante. O cliente e seu sistema é que agem, movimentam-se pela vida e fazem suas escolhas. O facilitador de Constelações não tem o compromisso de resolver nada pelo cliente. Mas apenas de permitir que ele passe a ter uma nova visão sobre antigos problemas, e essa nova visão é que pode promover as mudanças.

A formação em Constelações é o caminho para quem quer ser um facilitador, trabalhar com constelações? Quem não pensa em ser terapeuta tem outro tipo de curso para fazer?

Atualmente existem alguns cursos formais, em nível de pós graduação, em algumas instituições de ensino pelo Brasil. Em Cuiabá, ligado a uma faculdade de Filosofia, em São Paulo, curso de pós em Direito Sistêmico. São exemplos. Alguns cursos livres muito consistentes são oferecidos, como acontece desde o início, quando o próprio Bert foi incentivado a ensinar aos interessados as suas descobertas e aplicações. Os cursos de Constelação, como os de idiomas ou de medicina, podem ser bons ou não. Oficiais ou não. O que funciona é aquele curso no qual, como aluno, me sinto confiante. O que tenho constatado é que a experiência como facilitadores é um pressuposto básico para oferecer um bom curso de Formação. Um guia só consegue conduzir as pessoas até onde ele mesmo já foi.

Por se tratar de um curso fortemente vivencial, mesmo com conteúdos teóricos e conceituais, a afinidade e a confiança nos instrutores é, portanto, a base para se fazer uma boa formação para tornar-se um facilitador de constelações, ou como se diz atualmente, um constelador.

Como acontece sempre quando uma nova linguagem ganha notoriedade, as constelações ganham ao longo do tempo diversos outros nomes, sobrenomes e até apelidos. Constelações Xamânicas, Constelações Quânticas, Movimentos do Espírito, Novas Constelações, e algumas outras nomenclaturas. O mais importante é a sintonia do instrutor com a fenomenologia sistêmica e sua capacidade de transmitir aos seus alunos a oportunidade de vivenciar suas próprias experiências em ambiente seguro.

Quanto à segunda parte da pergunta, a pessoa não precisa querer tornar-se um terapeuta, um constelador, para fazer a formação. Num sentido mais essencial, o

curso de formação que oferecemos, com carga horária total de 240 horas, é um curso de Transformação pessoal. Se o aluno é um médico, torna-se um médico com um novo olhar para a sua própria profissão e a relação com seus pacientes. Se é um empresário, olhará de maneira mais ampla para a sua tarefa de gestor e para as possibilidades de movimentos prósperos para o seu negócio. Também temos, entre nossos ex-alunos, pessoas que começaram declarando que não tinham a intenção de trabalhar com constelações (eu mesmo era um desses), mas com a imersão que fazem durante a jornada, novas possibilidades, inclusive profissionais, podem se mostrar.

Porque em Constelações, muitas questões têm que passar por Pai e Mãe?

Porque é com eles, e mais especialmente com a mãe, que tudo para nós começa nesta vida. Ao nascer, nosso vínculo com a mãe já nasce forte e potente. Nosso primeiro movimento, por uma questão de sobrevivência, sempre é em direção à mãe. Depois, buscamos pelo pai, mas este movimento tem outras características que já são afetadas pelo primeiro movimento. Aprendemos a olhar a vida e a nos tornarmos homens ou mulheres, olhando para nosso pai e nossa mãe. Tudo o mais vem depois. Mas essa não é uma regra que vale para todas as questões. Nosso princípio é olhar para cada Constelação como ÚNICA. Tudo começa com o Pai e a Mãe, e pode dar muitas voltas ao mundo e abranger muitos movimentos, mas em sua essência, são manifestações da vida gerada pelo Pai e pela Mãe.

SOBRE O AUTOR

Almir J. Nahas nasceu em 1957, é casado, tem 3 filhos, é natural de São Paulo, SP

Começou a aprender a lidar com o mundo do trabalho aos 14 anos, como ajudante de seu pai num pequeno comércio, no bairro da Penha, em São Paulo.

Formado em Jornalismo pela USP, trabalhou na Editora Abril por 10 anos, dos 19 aos 29, e por períodos menores na Editora Três, TV Cultura, TV Globo e Editora Globo. A maior parte do tempo como editor de revistas. Experiências: Editor de Veja, Guia Rural, Claudia, Capricho, entre outras, e Produtor do Roda Viva, Produtor de Programas Jornalísticos para TV.

Migrou para a Comunicação Empresarial, Assessoria de Imprensa e Comunicação Institucional, especializando-se em planejamento de comunicação, pesquisa de clima organizacional, pesquisa de mercado e no apoio a RH no desenvolvimento programas de comunicação interna em grandes organizações. Neste período, trabalhou, a maior parte do tempo, como Diretor de Atendimento na LVBA Comunicação, com rápida passagem pela GWA Comunicação. Experiências: Atendimento a organizações como Henkel Indústria Química, Grupo Ultra, Câmara Brasil-Alemanha, Fundação Bienal de São Paulo, entre outras. Esta fase durou dos 29 aos 36 anos mais ou menos.

De todas as atividades no campo da Comunicação Institucional, desenvolveu gosto e viu mais oportunidades na Pesquisa de Mercado. Trabalhou alguns anos como profissional autônomo, prestando serviços para institutos de pesquisa e agências de publicidade. Ganhou senioridade como moderador de dinâmicas de grupo e nas análises dos valores e necessidades das pessoas. Entre outras experiências, foi Diretor da LARC Pesquisa de Marketing e Superintendente de Pesquisa do Grupo Telefônica e trabalhou na Horizon Consulting. No total, esta fase durou quase 20 anos.

Aprofundando e convergindo o interesse pelo ser humano, nas formas de conhecer os valores e necessidades das pessoas, na mediação de conflitos, na comunicação eficiente e produtiva nos ambientes pessoais e profissionais, fez

formações em Terapia Sistêmica Familiar e em Consultoria e Coaching Sistêmico. Mais tarde, incorporou a formação em Design Thinking e em processos de modelagem de inovação com foco no Ser Humano.

Hoje trabalha como consultor, palestrante, constelador e professor. Desde 2010 mantém uma formação em Constelações Familiares, Organizacionais e Educação Sistêmica. Tem múltiplos interesses e habilidades, e entre seus projetos mais caros está o trabalho com casais e famílias, empresas familiares e na formação de grupos de autoconhecimento para homens. Considera-se um agente de mudanças. Continua atuando como jornalista e pesquisador e ajudante. Em sua essência, considera-se mesmo um ajudante.

Para saber mais:

almir.nahas@almirnahas.com.br

Site: www.olharsistemico.com.br

Facebook: www.fb.com/institutoolharsistemico

Instagram: www.instagram.com/almirnahas